

O TRAUMA E O GÊNERO EM *CHUVA NEGRA* (1965), DE IBUSE MASUJI

TRAUMA AND GENDER IN IBUSE MASUJI'S *BLACK RAIN* (1965)

*Lilian YAMAMOTO*¹

Resumo: Hiroshima e Nagasáqui foram destruídas pelas bombas nucleares em 6 e 9 de agosto de 1945, respectivamente. Ambas as cidades e as suas vítimas sofreram com o trauma físico e emocional retratados em obras literárias, da chamada literatura *hibakusha* (vítimas das bombas atômicas). Este artigo pretende analisar a obra de Ibuse Masuji e suas características, em especial, a obra *Chuva Negra* (*Kuroi Ame*, 1965), uma das mais famosas obras desse gênero literário, com o objetivo de discutir as particularidades do trauma sofrido pela personagem Yasuko. Também se pretende examinar o desenvolvimento da literatura de trauma e da literatura *hibakusha*, bem como expor uma breve biografia do autor Ibuse Masuji.

Palavras-chave: literatura de trauma, literatura *hibakusha*, gênero, *Chuva Negra*, Ibuse Masuji

Abstract: Hiroshima and Nagasaki were destroyed by the atomic bombs in August 6 and 9, respectively. In both cities, the victims have suffered from physical and emotional trauma depicted in literary works, denominated as *hibakusha* literature (victims of atomic bombs). This article intends to examine the work of Ibuse Masuji and its characteristics, in special, the novel *Black Rain* (*Kuroi Ame*, 1965), one of the most famous works in this literary genre, with the objective to discuss the trauma suffered by the character Yasuko. It will also examine the development of trauma literature and *hibakusha* literature, as well as to provide a brief biography of Ibuse Masuji.

Keywords: trauma literature, *hibakusha* literature, gender, *Black Rain*, Ibuse Masuji

1 Lilian Yamamoto, professora colaboradora do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo (USP), doutora em direito internacional (Universidade Kanagawa, Japão).Orcid 000-0002-8304-9509. lilian.yamamoto@usp.br

1. Introdução

Hiroshima foi completamente destruída em uma combinação demoníaca de calor, explosão e incêndios posteriores no dia 6 de agosto de 1945. Com uma população de 343 mil pessoas, a bomba vitimou fatalmente 78 mil pessoas, além de resultar em 51 mil feridos e desaparecidos. Além das perdas humanas, do total de 76 mil edifícios, apenas 48 mil resistiram, deixando 180 mil desalojados (REPORTS..., 1994, p. 706). Nagasáqui, por sua vez, foi atingida pela bomba de plutônio “*Fat Man*” por obra do destino, uma vez que o alvo inicial era Kokura e as péssimas condições de visibilidade sobre essa cidade, em 9 de agosto, fizeram com que o piloto recebesse a ordem de lançar a segunda bomba em Nagasáqui, resultando em cerca de 21.762 a 73.884 mortos (BODGER, 2007, p. 2). A própria imprecisão numérica sugere como os registros demográficos da cidade foram completamente aniquilados, condenando grande parte de seus habitantes ao esquecimento completo.

A destruição de ambas as cidades impeliu a resolução da Segunda Guerra Mundial, sendo que o nível e a velocidade de destruição material, até então, jamais havia sido testemunhada na história da humanidade. Aos sobreviventes e aos seus descendentes restaram as feridas físicas e emocionais e a busca incessante por tratamentos médicos e psicológicos. Os *hibakusha* (vítimas das bombas) sofreram consequências que não foram calculadas pelos cientistas ou previstas pelos responsáveis pela sua criação. Em vista disso, as bombas foram um experimento com alto poder de destruição que não foi apenas instantânea, mas que difere no tempo, condenando gerações futuras a sofrerem danos à saúde e ao bem-estar. O vocábulo *hibakusha* não surgiu tão logo as bombas foram atiradas em Hiroshima e Nagasáqui, em 1945. A princípio, esse termo foi utilizado em pesquisas médicas e se referia aos indivíduos expostos diretamente pela explosão das bombas, excluindo àqueles que entraram na cidade posteriormente. (NAONO, 2019, p. 333).

Além dos efeitos psicológicos, como o estresse pós-traumático e depressão, há também diversas sequelas físicas da radioatividade. Em um estudo, Tomonaga indica os três estágios de progressão da radioatividade nos *hibakusha*: o aparecimento da leucemia, a primeira doença maligna em 1949; uma fase intermediária, que inclui o desenvolvimento de diversos tipos de câncer; e uma fase final de cânceres de longa duração, daqueles que enfrentaram as bombas na sua infância, assim como uma segunda onda de leucemia para os *hibakusha* mais velhos. Dessa maneira, é provável que, em muitos casos, a morte seja dolorosa (TOMONAGA, 2019).

Como método de vitória militar, além dos *hibakusha*, inúmeras vítimas de atrocidades multiplicaram-se em países ocupados pelo Japão e pela Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. As bombas atômicas e o Holocausto, promovido pela Alemanha nazista, são as maiores representações do absurdo tecnológico que, ao invés de promover o progresso da humanidade, funcionou como um instrumento do extermínio em massa, provocando um sofrimento humano sem precedentes (BODGER, 2007, p. 1).

O aniquilamento de vidas e os efeitos físicos e mentais sobre os *hibakusha* geraram a necessidade da realização de pesquisas em diferentes áreas de conhecimento. Assim, de modo geral, os estudos dos *hibakusha* podem ser classificados em: 1) pesquisa sociológica empírica desenvolvida junto ao movimento de assistência e auxílio aos *hibakusha*; 2) pesquisa na seara de política internacional que abrange as questões nucleares contemporâneas, incluindo o vazamento radioativo de Fukushima, em uma abordagem histórica; 3) pesquisa sobre a literatura que traga como tema principal os *hibakusha*, com análise do discurso ou dos símbolos em textos literários, filmes, arte e cultura popular (KAWAGUCHI, 2018, p. 14).

Este artigo pretende contribuir para a área de literatura, pois analisará a obra *Chuva Negra*, publicada duas décadas após o lançamento das bombas, em 1965. Ao se distanciar temporalmente do evento, foi possível ao autor observar o impacto das bombas em gerações seguintes e fazer uma pesquisa sobre diários dos sobreviventes. Nessa década e na subsequente, a França realizou testes nucleares no Pacífico Sul, o que trouxe novamente à tona a lembrança sobre o uso da bomba atômica (AUESTAD, 2017, p. 108).

Chuva Negra é uma obra canônica da literatura *hibakusha* e já foi tratada sob a perspectiva de literatura de trauma no artigo *O que os sobreviventes estão dizendo: trauma nuclear e narrativas de toxicidade no Japão (What the survivors are telling: nuclear trauma and narratives of toxicity in Japan)*, de autoria de Aseel K. Dar-Khalil e Mahmoud Al-Shetawi, publicado em 2020. Segundo os autores, o termo romance de trauma se refere a um trabalho de ficção que demonstra uma perda profunda ou um temor intenso em nível individual ou coletivo (DAR-KHALIL e AL-SHETAWI, 2020, p. 42). O relato e os efeitos das bombas atômicas ultrapassam gerações, uma vez que mesmo que os eventos geradores de tal sofrimento tenham ocorrido há décadas, a situação testemunhal permite que o passado seja lido no tempo presente, além do trauma ser caracterizado “por ser uma memória de um passado que não passa” (SELIGMANN, 2008, p. 69).

Chuva Negra é um romance de trauma em dois níveis. Primeiro, em um nível individual em que narra as experiências traumáticas de diversos personagens. Em segundo, na base histórica, uma vez que é produto cultural dos conflitos japoneses com a sua traumática história de guerra. (DAR-KHALIL e AL-SHETAWI, 2020, p. 42). A partir desse arcabouço, pretende-se tratar do trauma no primeiro nível, analisando a relação entre o trauma sob a perspectiva de gênero na personagem Yasuko. Para tanto, o artigo será dividido em seções que tratarão da censura após o lançamento das bombas; o desenvolvimento do gênero de literatura de trauma; o surgimento da literatura *hibakusha*; uma breve biografia de Masuji Ibuse e; por fim, a análise da obra *Chuva Negra*, com a perspectiva de gênero baseada na personagem Yasuko.

2. Censura após o Lançamento das Bombas

Após o lançamento das bombas, o então presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman fez um pronunciamento no dia 9 de agosto de 1945 em que dizia “que o mundo notará que a primeira bomba atômica fora lançada em Hiroshima, uma base militar. Essa ação foi realizada a fim de, neste primeiro ataque, evitar, ao máximo, o massacre de civis” (PBS, 2003). Essa declaração, contudo, pode ser considerada ardilosa em duas instâncias. Embora Hiroshima abrigasse algumas instalações industriais relacionadas aos militares, uma base militar e tropas, a cidade de mais de 300 mil habitantes dificilmente poderia ser considerada como uma “base militar”. Menos de 10% dos indivíduos mortos em 6 de agosto de 1945 eram militares japoneses. Em segundo lugar, os agentes que planejaram o ataque não tentaram evitar ao máximo o massacre de civis. Pelo contrário, nele, eles almejavam matar o maior número possível de pessoas (McKINNEY, SAGAN e WEINER, 2020, p. 157). A bomba atômica foi detonada propositalmente sobre áreas residenciais e comerciais da cidade, e não diretamente nos alvos militares, uma vez que a intenção era chocar o público japonês e o seu governo (McKINNEY, SAGAN e WEINER, 2020, p. 157).

No mês seguinte ao lançamento das bombas nas cidades de Hiroshima e Nagasáqui, no dia 19 de setembro de 1945, o Comando Supremo das Potências Aliadas estabeleceu um Código de Imprensa que tinha como objetivo censurar qualquer material sobre as bombas atômicas que fosse considerado como sedicioso, incluindo veto a discursos, fotografias, música, filmes e livros infantis sem autorização (BODGER, 2007, p. 117). Segundo Brodie, a censura teria sido instituída pelos norte-americanos como uma tentativa de encobrirem a falta de conhecimento sobre a então nova tecnologia, além de desejarem que a bomba atômica fosse considerada como uma arma de combate tradicional, ainda que mais poderosa que as outras, de maneira a vender a ideia de uma guerra justa. (BRODIE, 2015, p. 851). Somado a esses fatores, havia a preocupação de manter segredo sobre a tecnologia contra os seus rivais soviéticos durante a nascente Guerra Fria e a preservação da imagem dos Estados Unidos como um bastião da democracia e um país benevolente aos *hibakusha*. (GOODWIN, 2010, p. 15)

O primeiro relato *hibakusha* foi publicado em 30 de agosto de 1945 no jornal *Asahi*, sendo um ensaio de autoria de Ōta Yōko, escritora de Hiroshima. No ensaio *Luz como se estivesse no fundo do oceano (Kaitei no yōna hikari)*, a autora descreve a explosão da bomba atômica (SHIBATA, 2018, p. 82). A publicação foi possível, uma vez que ocorreu antes da aceitação de derrota por parte do imperador japonês, em 2 de setembro de 1945 (SHIBATA, 2018, p. 82) e, portanto, antes da censura das Forças Aliadas entrar em vigor.

Conforme se aproximava o final da Ocupação em 1952, a fiscalização pelas Forças de Ocupação tornou-se menos severa. Alguns textos escaparam à censura, como *As Flores de Verão (Natsu no hana)* de Hara Tamiki, publicado em 1947 em um jornal literário de circulação limitada (BODGER apud Treat Writing Ground Zero 90),

considerada como uma das obras mais representativas da literatura *hibakusha* assim como *Cidade dos Cadáveres* (*Shikabane no machi*) de Ōta Yōko. A censura temporária das Forças de Ocupação atrasou a publicação de *Os sinos de Nagasáqui* (*Nagasaki no kane*), de autoria de Nagai Takashi, que havia sido finalizada em 1946 e publicada apenas em 1949. (KONO e SHERIFF, 2015, p. 726).

3. O Trauma na Literatura

O trauma referia-se, originalmente, a um ferimento físico que requeria tratamento médico. Ele é derivado da palavra em grego *traumatós* (furar) tendo o significado de ferida com efração (KURTZ, 2018, p. I). Entretanto, desde o século XIX, o termo denota primordialmente feridas emocionais, deixadas na mente por eventos catastróficos (DAVIS e MERETOJA, 2020, p. 1), que passam a ter maior divulgação pelo desenvolvimento dos meios de comunicação em massa. No século XX, o mundo testemunhou calamidades como as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasáqui, o Holocausto, genocídios em Ruanda e Camboja, Guerra do Vietnã dentre outros. Ao se referir às causas do trauma, Herman afirma que:

O trauma psicológico é uma aflição daqueles destituídos de poder. No momento do trauma, a vítima se torna desamparada por uma força descomunal. Quando a força é proveniente da natureza, se fala em desastres. Quando a força provém de outros seres humanos, se fala em atrocidades. (tradução nossa) (Herman apud STAHL, 2018, p. 1)

O trauma, quando tratado na literatura, levanta questões de ordem moral, como a crueldade no extermínio de civis, ao mesmo tempo em que promove a produção historiográfica por meio de memórias individuais e coletivas. Além disso, a literatura de trauma pode ser vista como um meio para coibir novas atrocidades. Ela se desenvolve a partir do pressuposto de que as pessoas, ao tomarem conhecimento do evento traumático, pressionariam as autoridades a caminharem para relações pacíficas entre os países, evitando o futuro massacre de inocentes.

Os estudos sobre literatura de trauma têm ressaltado catástrofes históricas, analisando o seu impacto em indivíduos e comunidades, ou seja, exploram as relações entre a subjetividade e cultura ao narrar experiências traumáticas. (DAVIS e MERETOJA, 2020, p. 4). Uma considerável parte desses estudos foi desenvolvida para abordar os desafios de compreensão e representação sobre o Holocausto. O trauma em Hiroshima é relacionado à nova realidade de uma guerra também invisível, pois se amplia além do dano imediato para um futuro muito distante. As ondas da radiação que se infiltram nos corpos dos sobreviventes continuam indefinidamente a atingir os corpos dos sobreviventes e seus descendentes (SCHWAB, 2020, p. 442).

4. A Literatura *Hibakusha*

O Japão localiza-se no Círculo de Fogo do Pacífico sendo suscetível a diversas catástrofes naturais. Além de ter uma frequente atividade sísmica, é propenso a erupções vulcânicas, tsunamis e ciclones que passam pelo país todos os anos. A partir dessa realidade climática e geológica, a visão da natureza e das catástrofes na cultura japonesa tem uma marcante presença em obras literárias. Desde a Idade Média, as catástrofes são abordadas frequentemente como temas da literatura japonesa. Cunha (2020, p. 5) classifica a sua presença no cenário literário japonês como: a) catástrofes humanas, como as guerras; b) catástrofes híbridas, sendo humanas e naturais; c) catástrofes naturais como tsunami, enchentes e as erupções vulcânicas; d) catástrofes humanas modernas, que incluem as mudanças climáticas, o desmatamento, a poluição e os acidentes nucleares.

A literatura *hibakusha* seria, dessa forma, uma representação da catástrofe humana moderna, encontrando reflexão em obras literárias japonesas e norte-americanas. Treat observa que “as narrativas sobre as bombas atômicas são compostas por dois temas: a violência em si e o ato de escrever sobre essa violência” (TREAT apud GREY, 2010, p. 10). A escrita desse flagelo configura-se como a literatura de teor testemunhal, que nos faz questionar a concepção entre a literatura e o real, valorizando a memória, em alternativa à tradicional referência linear da história (MASCARO, 2020, p. 31). Foi no século XX que ocorre o surgimento de uma literatura com esse forte teor, fruto das inúmeras tragédias realizadas pelos homens, uma vez que, nesse século, 140 milhões de pessoas aproximadamente convalesceram como resultado de guerras, genocídios e perseguições (SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 133).

A obra *Hiroshima*, relato de seis *hibakusha*, de John Hersey foi escrita para o New Yorker, publicada pela primeira vez em 31 de agosto de 1946 (GREY, 2010, p. 2), tornando-se conhecida como a primeira narrativa da experiência da bomba atômica. Moldou a imagem da bomba atômica para os ocidentais e até mesmo no discurso do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, realizado em sua visita em 2016, o padrão de sua narrativa foi adotado (SHIBATA, 2018, p. 10). Apesar de ter influência sobre a perspectiva ocidental sobre as bombas atômicas, *Hiroshima* é uma obra pouco lida e comentada no Japão. Talvez tenha sido ofuscada pelo número de narrativas atômicas japonesas publicadas após o final da ocupação norte-americana. (SHIBATA, 2018, p. 11). Segundo Shibata, *Hiroshima* teria criado um modelo narrativo sobre as bombas atômicas que fora replicado em obras subsequentes (SHIBATA, 2018, p. 11).

Em contrapartida, a literatura *hibakusha* tem a função de trazer o testemunho das vítimas da bomba atômica. As vítimas podem se sentir obrigadas a gravar e repetir o seu trauma nas tentativas de localização e documentação do seu fato gerador, narrando suas histórias detalhadamente, revivendo o trauma de maneira que pudessem compreendê-lo (GOODWIN, 2010, p. 20).

A literatura *hibakusha* foi classificada por Tan (2014, p. 2-3) em 4 categorias: 1) trabalhos de autores que testemunharam pessoalmente os eventos, escrevendo sobre a explosão das bombas em detalhes (Hara Tamiki, Ōta Yōko); 2) trabalhos de autores que testemunharam os eventos quando crianças, cuja narrativa autobiográfica se refere às doenças causadas pela radiação (Hayashi Kyōko, Nakazawa Keiji e Ōba Minako); 3) trabalhos de autores que desenvolveram as narrativas de acordo com entrevistas e outras fontes bibliográficas (Nakayama Shirō e Ibuse Masuji); 4) trabalhos de autores que têm o desenvolvimento no cenário de Hiroshima (Tsuji Hitonari, Murakami Ryū).

No caso dos trabalhos das categorias três e quatro, em que os autores não estiveram presentes em Hiroshima no momento da explosão das bombas, o teor testemunhal pode ser considerado duvidoso. Como exemplo, Mascaro (2020, p. 33) trata da legitimidade testemunhal de Marguerite Duras, que apesar de não estar presente na explosão da bomba em Hiroshima, elaborou o roteiro do filme francês *Hiroshima Mon Amour* (1959). Ela resolve o questionamento apontando que o testemunho seria “composto por uma indecidibilidade enunciativa que comporta em si a posição de terceiro espectador, ou seja, um certo deslocamento do eu”. Nesse sentido, *Chuva Negra* possui uma força testemunhal como um terceiro espectador, além de ser um trabalho desenvolvido de acordo com entrevistas e outras fontes bibliográficas.

5. Ibuse Masuji (1898-1993)

O nome Ibuse Masuji, assim como a sua obra, é composta por aspectos estáticos e dinâmicos, como observado por Brown (1979, p. 7). Os caracteres 鱒二 (*Masuji*) significam duas trutas (truta, 鱒 e dois 二). Assim, o seu nome completo 井伏 鱒二 equivale à imagem de duas trutas nadando no fundo de um poço coberto *Ibuse* (井, poço e 伏 coberto), ou seja, elementos dinâmicos combinados ao elemento estático. O seu trabalho pode ser interpretado de maneira semelhante, uma vez que muitas narrativas iniciam-se com um cotidiano monótono que por um evento repentino transforma todo o entorno comunitário.

Ibuse Masuji nasceu em Kamo, no distrito de Fukayasu, na província de Hiroshima, em 15 de fevereiro de 1898, e durante a infância teve de lidar com a perda de seu pai e irmão. Passou temporadas em uma ilha no Mar Interno de Seto (Setonaikai) junto ao seu avô. Em 1912, Ibuse iniciou seus estudos na Escola Média de Fukuyama, próxima a Hiroshima, onde permaneceu por 5 anos. Aos 16 anos, começou a se interessar pelas artes plásticas e realizou viagens por todo o Japão, fazendo alguns esboços, após ter ingressado no Departamento de Literatura da Universidade de Waseda, em Tóquio, especializando-se em literatura francesa. Mas, acaba por abandonar o curso para iniciar a sua carreira literária. (BROWN, 1979, p. 4-5).

Seu primeiro trabalho, publicado em julho de 1923, foi o conto *Confinamento* (*Yuhei*) mas foi *Carpa* (*Koi*), publicado inicialmente em setembro de 1926, e em uma versão revisada em fevereiro de 1928 na revista *Mita Bungaku* o seu trabalho mais conhecido dessa fase inicial (SCRUGGS, 2017, p. 376).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Ibuse serviu às Forças Armadas e trabalhou como correspondente de guerra na Tailândia e Cingapura. Teria, então, promovido o respeito pela cultura japonesa, trabalhando para um jornal e para uma escola em que a população local aprendia a língua japonesa. (KEENE, 1984, p. 947)

Após o fim da guerra, ele escreveu narrativas relacionadas ao transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), incluindo *Tenente Continência* (*Yōhai taichō*, 1950), um conto que descreve a culpa de um oficial repatriado da Malásia após a guerra. (SCRUGGS, 2017, p. 376). *Íris* (*Kakitsubata*), publicado na revista *Chuō Kōron*, em 1951 revela os horrores da bomba atômica, em uma narrativa em que a íris floresce fora da estação, revelando uma mutação causada pela bomba atômica. (SCRUGGS, 2017, p. 377).

Ibuse Masuji trata em suas obras sobre o tema da guerra e desastres naturais. Obras como *Registro militar de pequenas ondas* (*Sazanami gunki*, 1938) e *Tenente Continência* (*Yōhai taichō*) tratam de guerras, mas há uma série de obras que são relacionadas a desastres, escritas ao longo de sua carreira. A obra *Salamandra* (*Sanshōuo*, 1930) é relacionada a um redemoinho de água poderoso. Ibuse também escreveu sobre diversas calamidades como erupções vulcânicas em *O Registro provável de Aogashima* (*Aogashima taigaiki*, 1934), enchentes em *A árvore de caqui de Nakajima* (*Nakajima no kaki no ki*, 1938), incêndio e erupção vulcânica em *O fogo sagrado* (*Gojinka*, 1943), vulcão, deslizamento de terra e submersão de uma ilha em *Camélia* (*Wabisuke*, 1946) e o desastre atômico em *Íris* (1953) (BROWN, 1979, p. 69).

Sendo assim, na literatura de Ibuse, os personagens se deparam com uma mudança drástica da ordem estável das coisas. Elas levam uma vida confortável e sofrem, repentinamente, um forte impacto externo, como desastres naturais, guerras, conflitos que lhes obriga a assimilar a nova realidade, permeada por conflitos humanos. Dessa maneira, após algum evento extremo, o equilíbrio e estabilidade são destruídos e as personagens são forçadas a se adaptar à nova realidade (MAEDA, 1992, p. 101). Assim, na maior parte das vezes, suas obras não retratam personagens que, por meio de uma necessidade interna, desejam operar mudanças no seu meio circundante. (MAEDA, 1992, p. 101). Seguindo esse padrão, *Chuva Negra* também retrata a transformação da vida de moradores de Hiroshima após o impacto da bomba atômica.

6. *Chuva Negra* (1965)

A obra *Chuva Negra* foi finalizada quando Ibuse tinha quase 70 anos, resultando em uma obra de um escritor maduro e vigoroso (BROWN, 1979, p. 74). Com ela, Ibuse recebeu o Prêmio Literário Noma em 1966 e a Ordem ao Mérito Cultural da Dieta Japonesa no mesmo ano (SCRUGGS, 2017, p. 378). Vários trechos do trabalho foram incluídos em materiais didáticos, sendo assim, um texto canônico em se tratando da temática *hibakusha* (AUESTAD, 2017, p. 106). Publicado inicialmente no formato seriado no jornal literário *Shinchō* de janeiro de 1965 a setembro de 1966, recebeu uma

versão como livro em 1966, ganhando versões cinematográfica e televisiva. (DAR-KHALIL e AL-SHETAWI, 2020, p. 45). No Brasil, foi publicada em 2011 pela Estação Liberdade, com a tradução de Jefferson José Teixeira.

O título da obra se refere à chuva radioativa provocada pela bomba atômica. A narrativa trata da vida de Shizuma Shigematsu, sua esposa e a sobrinha Yasuko. Como a sobrinha se encontra em idade para contrair matrimônio, Shigematsu se encarrega de arranjar-lhe pretendentes, mas acaba se frustrando com as fracassadas tentativas. O insucesso da empreitada se deve às suspeitas de que Yasuko estava em Hiroshima no momento em que a bomba explodiu. Para garantir aos pretendentes que Yasuko não esteve presente no momento fatídico, ele decide fazer uma cópia do diário da sobrinha. Ele também escreve o seu próprio diário em que descreve o estado caótico do pós-bomba atômica. Por fim, sintomas de radiação afetam Yasuko e ela tenta mantê-los em segredo, mas ao ser hospitalizada, sua condição de saúde se agrava. Shigematsu ainda tem esperanças que Yasuko se restabeleça, o que nunca acontece e ela morre em um curto espaço de tempo.

O relato de Shigematsu é embasado em um diário real de um *hibakusha*, gerando questionamentos se a obra poderia ser classificada como ficcional (AUESTAD, 2017, p. 110). Contudo, essa categorização adquire tons indefinidos, uma vez que inevitavelmente há um certo nível de interferência criativa do autor. Tal entendimento é compartilhado por Ken Hirano, que afirma que, em se tratando de literatura *hibakusha*, “até então, a realidade do estilo do romance do eu era presumido”, por ter um teor confessional, mas *Chuva Negra* poderia ser considerada como uma obra ficcional (NAKAYA, 2015, p. 138). Também pode ser considerada como uma obra em que o autor enfrenta o luto, pois Ibuse também utilizou cartas de seus amigos como fonte de inspiração (GONÇALVES, 2011, p. 18). A descrição dos fatos é feita de maneira sóbria e a polifonia se apresenta com a exposição de diários de diferentes personagens.

Na obra, o contraste entre o elemento estático e dinâmico é traduzido pelos dois momentos vividos pela família de Shigematsu: o primeiro seria no ano de 1949 e o segundo em 1945. Naquele, Shigematsu passa a limpo o seu diário de 1945, que descreve suas experiências logo após a explosão da bomba atômica. A obra apresenta uma estrutura miscelânea, de um mosaico, com múltiplas vozes não sentimentais que lembram um estilo de documentário (AUESTAD, 2017, p. 109). Predomina, assim, a descrição crua das cenas tenebrosas vivenciadas pelos sobreviventes das bombas, como quando se descreve os sintomas da radiação:

Los síntomas de la enfermedad de la radiación empezaban normalmente con una sensación de adormecimiento y pesadez de los miembros, cuyo origen era desconocido. Al cabo de unos días, el pelo se caía a puñados y los dientes se aflojaban y terminaban por caerse también. Por último, se declaraba un paro respiratorio y el paciente moría. Cuando se sentía el adormecimiento en los primeros estadios de la enfermedad, lo primero que había que hacer era descansar y comer bien... (IBUSE, 2007, p. 26)

Não há um enfoque dramático para as vozes interiores dos *hibakusha*, priorizando-se as impressões e testemunhos de fatos vividos pelas personagens. Configura-se também o contraste entre os tempos de paz, em 1949, com os tempos de guerra, em 1945, a vida cotidiana comum, desenhando-se um elemento estático, com a vida permeada pelo anormal, em realidades contrastantes e o dinamismo presente na transição brusca de realidades. (ISHIDA e YAMAMOTO, 1985, p. 943).

Shigematsu também passa a escrever suas reminiscências sobre o evento, retratando as experiências de diversas pessoas e é nisso que reside mais um elemento para que a obra se tornasse icônica dentro do gênero *hibakusha*. A estigmatização dos *hibakusha* como pessoas impuras e contaminadas é derivada da ênfase na pureza do corpo, uma herança xintoísta. Uma vez que faltavam informações relacionadas à bomba atômica, a doença era vista como contagiosa (GOODWIN, 2010, p. 7). O próprio Ibuse, ao se referir à obra, disse que

trata-se de uma reportagem. Esse tipo de evento sem precedentes, não é passível de ser escrito como uma fantasia. O que escrevi não passa de uma pequena parte daquele evento. Cada uma das pessoas que passaram pela experiência têm visões diferentes. Por esse motivo, seria ótimo se fosse feito um registro unificado sobre o evento, em que vários escritores pegassem a maior quantidade de material de várias pessoas. Falo isso, uma vez que na minha obra, mostrei a visão do acontecimento na perspectiva de 3 pessoas, principalmente. Para as pessoas locais, que enfrentaram as bombas, é um número insuficiente. É um evento muito mais gigantesco. (tradução nossa) (IBUSE apud UCHIDA, 1998, p. 4)

Além disso, defende que “esta obra não se trata de um romance, configura-se como um documento. O diário de Shigematsu Shizuma e as notas sobre as suas refeições feitas pela sua esposa, bem como diário do médico Iwatake e de sua esposa em que relata os cuidados realizados no hospital...deveríamos registrar o maior número possível desses diários” (IBUSE apud UCHIDA, 1998, p. 5). Dessa maneira, Ibuse nega o caráter original do seu trabalho, ressaltando que ele se trata de um registro a ser realizado sobre a experiência dos *hibakusha*.

7. O Trauma e o Gênero em *Chuva Negra*

No início das pesquisas sobre as discussões de gênero no trauma, na década de 1980, no contexto do Holocausto, surgiram dúvidas sobre a relevância sobre a temática, uma vez que a máquina nazista tratava a todos como judeus “não-humanos”, independentemente de serem homens, mulheres ou crianças e a discussão de gênero poderia ser considerada como inoportuna. Mais tarde, reconheceu-se que

as discussões acerca do Holocausto consideravam a memória masculina como a geral e a feminina como sendo complementar às discussões (MARQUART, 2020, p. 164). De maneira semelhante, a bomba atômica indiscriminadamente destruiu a vida dos sobreviventes, independentemente de seu gênero.

Contudo, o gênero teve um papel fundamental na vida pós-bomba atômica, uma vez que a sociedade japonesa se caracteriza pela crença em pureza e impureza e os corpos das mulheres sofreram inúmeras deformações. Muitas mulheres e suas famílias, até então, acreditavam que as suas desfigurações eram reflexos de características familiares, ao invés de representarem os efeitos da bomba atômica (ALEXIS-MARTIN, 2018). Kyōko Hayashi, representante da literatura *hibakusha* de Nagasáqui, que teve um maior número de autoras *hibakusha* do que Hiroshima, escreveu sobre o temor de ter o sangue contaminado, e ter efeitos da radiação na sua fertilidade (MOLES, 2021, p. 15). No seu trabalho, ela expõe a preocupação sobre aquilo que seria a única fonte de feminilidade da mulher: geração de novas vidas. A própria autora não se casou e tampouco teve filhos. (MOLES, 2021, p. 15).

Em *Chuva Negra*, Yasuko sofre, uma vez que, como mulher, ela reuniria as impurezas da morte representada pela radiação e que afeta sua função reprodutiva, representada pelo sangue. Ela representaria um perigo para a comunidade, transmitindo sua impureza não tão somente pelo contato corporal, mas também por meio de seus possíveis filhos. Sendo assim, ela não passaria de um mero corpo abjeto e inaceitável socialmente. (TODESCHINI apud MILLER, 2018, p. 382)

No Holocausto nuclear, vivido pelas populações de Hiroshima e Nagasáqui, os efeitos da radiação se diferenciam biológica e socialmente para as mulheres. Uma grande parte dos efeitos da bomba foi instantânea pela explosão e calor, mas também tiveram efeitos em longo prazo, como o clarão, que pode causar cegueira ou danos à vista e radiação por ionização. Dependendo da altura da detonação da arma nuclear, as partículas contaminadas pela radioatividade têm efeitos que colocariam riscos à saúde em longo prazo. As mulheres são mais vulneráveis que os homens nos efeitos de radiação ionizante, não há ainda certeza sobre a razão para tal, mas foi sugerido que isso ocorre por que as mulheres têm mais de 50% de tecido com alta sensibilidade, em comparação aos homens, incluindo tecidos reprodutivos, além de terem diferenças metabólicas com relação aos homens. (ILPI e UNIDIR, 2016, p. 11).

Em um estudo realizado com *hibakusha* constatou que as mulheres tiveram o dobro de risco em desenvolver e morrer de câncer causado pela exposição à radiação ionizante. As mulheres grávidas expostas a altos níveis de radiação ionizante têm o risco de causar retardamento mental e má formação em seus filhos (OLSON, 2014, p. 34). No Japão, a crença popular e a imaginação acerca dos perigos da radiação e o “sangue contaminado” das sobreviventes contribuíram para a discriminação das mulheres. (DIMMEN, 2014, p. 5)

Conclusões

A censura relacionada à temática *hibakusha* foi instituída em setembro de 1945, mas não foi capaz de eliminar os registros das bombas de Hiroshima e Nagasáqui. Após quase 15 anos do fim da censura, a obra *Chuva Negra* é publicada e se torna um dos livros mais representativos desse gênero literário. A obra foi adotada amplamente em textos didáticos e conferiu a Ibuse Masuji reconhecimento por seu trabalho. Foi escrita durante a fase madura do autor, que se embasou em diários de sobreviventes, gerando dúvidas sobre a originalidade do trabalho.

A obra é dividida em dois períodos da vida das personagens. No primeiro período, em 1945, quando a bomba atômica atingiu Hiroshima e as personagens se recordam dos acontecimentos da época e 1949, quando descrevem a discriminação e desafios encontrados na retomada da vida cotidiana. Os dois tempos mesclam elementos dinâmicos e estáticos, próprios de Ibuse. O elemento estático é representado pelo período de 1949, quando a vida cotidiana retoma os ares de aparente normalidade e é interrompida repentinamente pela manifestação da doença radioativa de Yasuko, resultando em sua morte rápida. O dinamismo, em contrapartida, é retratado pela mudança drástica causada pela explosão das bombas em 1945. A literatura de trauma acolhe e reflete ambos os elementos em *Chuva Negra* na medida em que inclui as memórias das personagens tanto na consequência imediata das explosões quanto nos danos físicos, mentais e sociais que se prolongam por gerações.

Este artigo analisou também como os efeitos da radiação são distintos para homens e mulheres. A personagem Yasuko sofre uma vez que a sua função reprodutiva, comprometida pela radiação, é vista como uma desventura a ser evitada, pois nenhum pretendente deseja transmitir a deformidade e morte prematura aos seus descendentes.

Bibliografia

- ALEXIS-MARTIN, Becky. Saving face: death, necropolitics and the Hiroshima Maidens. **Death and the maiden**, 2018. Disponível em: <https://deadmaidens.com/2018/03/27/saving-face-death-necropolitics-and-the-hiroshima-maidens/#_ftnref2> Acesso em: 1 ago. 2022.
- AUESTAD, Reiko Abe. Ibuse Masuji's Kuroi Ame (1965) and Imamura Shōhei's Film Adaptation (1989), **Bunron**, Heidelberg, v. 4, p.106-124, 2017.
- BODGER, Gwyneth. **Critical Comparative Approaches to Testimonial Literature Emergent from the Holocaust and the Atomic Bombings**. Thesis (PhD in English Literature Department), University of Sheffield, Sheffield, 2007.
- BRODIE, Janet Farrell. Radiation Secrecy and Censorship after Hiroshima and *Nagasaki*. **Journal of Social History**, Fairfax, v. 48 n. 4, 2015, p. 842–864.
- BROWN, Janice. **The static and the dynamic: a study of the hidden world of Ibuse Masuji**. Thesis (Master Department of Asian Studies)-The Faculty of Graduate Studies, the University of British Columbia, Vancouver, 1979.

- CUNHA, Andrei de Santos. A cultura japonesa e a imaginação da catástrofe. Fundação Japão em São Paulo, 2020. Disponível em: < <https://fjisp.org.br/estudos-japoneses/wp-content/uploads/sites/3/2020/08/texto-andrei-cunha-v4-laranja.pdf>>. Acesso em: 9 ago.2022.
- DAR-KHALIL, Aseel. K. e ALSHETAWI, Mahmoud. F. What the Survivors are Telling: Nuclear Trauma and Narratives of Toxicity in Japan. **International Journal of Liberal Arts and Social Science**, South Shields, v.8, n.11, p. 41-50, 2020.
- DAVIS, Colin e MERETOJA, Hanna (eds). **The Routledge Companion to Literature and Trauma**. 1ª.ed. Abingdon: Routledge, 2020.
- DIMMEN, Anne G. Gendered impacts-the humanitarian impacts of nuclear weapons from a gender perspective. Paper nº 5, 2014, ILPI-UNIDIR Vienna Conference Series
- GREY, Stephanie Houston. Writing redemption: Trauma and the authentication of the moral order in *Hibakusha* literature, **Text and Performance Quarterly**, Oxfordshire, v. 22, n.1, p.1-23, novembro, 2010.
- GONÇALVES, Ana Cristina. **Representações de Hiroshima**: a problemática da representação a partir de Gen Pés Descalços. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-29052012-153648/>>. Acesso em: 11 ago. 2022.
- GOODWIN, Robert, C. **The experience of the excluded: Hiroshima, Nagasaki and Minamata 1945-1975**. 2010. Thesis (Master) Asian Studies College of the Humanities, The University of Utah, Salt Lake City, 2010.
- IBUSE, Masuji. **Lluvia Negra**, Tradução de Pedro Tena. Espanha: Libros del Asteroide, 2007.
- INTERNATIONAL LAW AND POLICY INSTITUTE(ILPI) e UNITED NATIONS INSTITUTE FOR DISARMAMENT RESEARCH (UNIDIR). **Gender, development and nuclear weapons- shared goals, shared concerns**, 2016. Disponível em: < <https://unidir.org/publication/gender-development-and-nuclear-weapons-shared-goals-shared-concerns>>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- ISHIDA, Tadashi e YAMAMOTO, Kazuhira. *Ibuse Masuji “Kuroi ame” wo yomu* (Ler *Chuva Negra* de Ibuse Masuji). **Ikkyo Ronsô**, Tóquio, v.94, n.6, p.942-956, 1985.
- KAWAGUCHI, Takayuki. *Genbaku bungaku kenkyu no genjô to kadai- Higashi Ajia to iu shiza kara* (As condições atuais e o tema de pesquisa da literatura das vítimas da bomba atômica- A perspectiva do Leste Asiático) In: *Tokushû 1: Kokusai wa-kushoppu “Higashi Ajia kara Genbaku bungaku wo yominaosu* (Relendo a Literatura das vítimas das bombas atômicas sob a perspectiva do Leste Asiático, Edição especial), 2017, Gyeongsangbuk. **Anais** p.13-18. Disponível em: < https://ir.library.osaka-u.ac.jp/repo/ouka/all/68042/gjisc_001_sf1.pdf>. Acesso em: 21 jul.2022.
- KEENE, Donald. **Dawn to the West- Japanese Literature of the Modern Era**, 1ª.ed. New York City: Holt Paperbacks, 1984.
- KONO, Kensuke e SHERIFF, Ann. Trends in postwar literature, 1945–1970. In: SHIRANE, Haruo; SUZUKI, Tomi; LURIE, David (eds). **The Cambridge History of Japanese**

- literature**, 1ª.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2015, Capítulo 75, p.719-736.
- KURTZ, J. Roger. **Trauma and literature**. 1ª.ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- MAEDA, Sadaaki. *Ibuse Masuji niokeru bungakuteki jiko teii: Bungaku seinen “watashi”, Puroretaria bungaku* (A orientação literária própria de Masuji Ibuse: Jovem literário, Eu e Literatura Proletária, **Kindai Bungaku Shiron**, Hiroshima, v. 30, dezembro, 1992. Disponível em: <https://ir.lib.hiroshima-u.ac.jp/ja/list/HU_journals/AN00065309/--/30/item/15823>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- MARQUART, Sharon. Gender In: DAVIS, Colin e MERETOJA, Hanna (eds). **The Routledge Companion to Literature and Trauma**. 1ª.ed. Abingdon: Routledge, 2020, Capítulo 15, p.162-172.
- MASCARO, Laura Degaspere Monte. O testemunho da catástrofe em Hiroshima Mon Amour, **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v.25, nº31, p. 29-40, novembro, 2020.
- MC KINNEY, Katherine E., SAGAN, Scott D.e WEINER, Allen S. Why the atomic bombing of Hiroshima would be illegal today, **Bulletin of the Atomic Scientists**, Oxfordshire, v.76, n. 4,157-165, July, 2020.
- MILLER, Alyson. Reopening the Grave: Reading Trauma and Abjection in *Hibakusha* Poetry, **Arcadia**, Munique, v. 53, n.2, p. 379–396, 2018.
- MOLES, Taylor Channing. **In the shadow of the bomb: Nagasaki’s place in atomic memory**. Thesis (Master of Arts)-Texas State University, San Marcos, 2021. Disponível em: <<https://digital.library.txstate.edu/bitstream/handle/10877/14041/MOLES-THESIS-2021.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> . Acesso em: 11 ago.2022.
- NAKAYA, Izumi. *Senyu sareta “Sensô no kioku”- Ibuse Masuji “Kuroi ame” niokeru “shômin”, “tennô”, “hibakusha”* (As memórias da Guerra monopolizadas- povo, imperador, vítimas das bombas em Chuva Negra de Masuji Ibuse) **Nihonkindaibungaku**, Tóquio, v. 93, p.137-151, 2015.
- NAONO, Akiko. The Origins of ‘*Hibakusha*’ as a Scientific and Political Classification of the Survivor. **Japanese Studies**, v.39, n.3, p.333-352, September, 2019.
- OLSON, Mary. Nuclear: War of Human Consequences. In: VIENNA CONFERENCE ON HUMANITARIAN IMPACTS OF NUCLEAR WEAPONS, 2014, Vienna. Anais, 2014, p. 24-25. Disponível em: <<http://www.nirs.org/international/olsontalkvienna12414.pdf>>. Acesso em 1 jul.2022.
- PBS. The Perilous Fight-America’s World War II in Color, 2003. Disponível em: <https://www.pbs.org/perilousfight/psychology/the_atomic_option/letters/#:~:text=%22The%20world%20will%20note%20that,warning%20of%20things%20to%20come>. Acesso em: 3 ago.2022.
- REPORTS of General MacArthur. The Campaigns of MacArthur in the Pacific, vol.I, 1994. Disponível em: <<https://history.army.mil/books/wwii/macarthur%20reports/macarthur%20v1/index.htm>>. Acesso em: 9 ago. 2022.
- SCRUGGS, Bert. Preliminary Thoughts on Feixu Taiwan (Wasteland Taiwan) and Kuroi Ame

- (*Black Rain*). In: HONG, S and HUANG, M.(eds) **Wenhualitudong yu zhishichuanbo**, 1ª.ed. Taipei: National Taiwan University Press, p. 375-395, 2017.
- SCHWAB, Gabriele. Transgenerational nuclear trauma. In: DAVIS, Colin e MERETOJA, Hanna (eds). **The Routledge Companion to Literature and Trauma**. 1ª.ed. Abingdon: Routledge, 2020, Capítulo 40, p.438-451.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma- a questão dos testemunhos de catástrofes históricas, **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 20,n.1, 65-82, 2008.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Grande sertão: veredas como gesto testemunhal e confessional. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 130-147, junho, 2009.
- SHIBATA, Yûko. **Producing Hiroshima and Nagasaki: Literature, Film, and Transnational Politics**. 1ª.ed. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2018.
- STAHL, David. **Trauma, Dissociation and Re-enactment in Japanese Literature and Film**, 1ª.ed. Abingdon:Routledge, 2018.
- TAN, Daniela. Literature and the Trauma of Hiroshima and Nagasaki. **The Asia-Pacific Journal**, v.12, n.3, p.1-8, outubro, 2014.
- TOMONAGA, Masao. The Atomic Bombings of Hiroshima and Nagasaki: A Summary of the Human Consequences, 1945-2018, and Lessons for *Homo sapiens* to End the Nuclear Weapon Age, **Journal for Peace and Nuclear Disarmament**, v. 2, n.2, p. 491-517, dezembro,2019.
- UCHIDA, Tomoko. *Kuroi ame no ichi- taiken no keishô to iu yakuwari ni tsuite* (A posição de *Chuva Negra*- o papel da herança da experiência), **Hikaku Shakai Bunka Kenkyu**, Fukuoka, n.3, p.1-9, 1998.

Recebido em 15 de agosto de 2023
Aprovado em 31 de agosto de 2023